

# Comportamento Semanal de Mercado

11 a 18 de outubro



## Maior aversão ao risco com China e fiscal

A evolução da inflação nos EUA e o sentimento de que a economia não está desacelerando consolidaram as apostas em uma queda de -0,25 p.p. na próxima reunião de política monetária do Federal Reserve (Fed), o que elevou a aversão ao risco. Para os mercados emergentes, há o agravante da debilidade estrutural do setor imobiliário e do consumo das famílias na China.

Corroborando esse cenário, a expansão interanual do PIB do 3T24 na China desacelerou de 4,7% no 2T24 para 4,6%, afastando-se da meta de 5,0%. Em mais recente medida, o Banco do Povo da China (PBoC) cortou em -0,25 p.p. as taxas preferenciais de empréstimos (LPRs). Todavia, o ceticismo quanto à efetividade dos estímulos pesou sobre os preços das *commodities*, com um recuo na semana de -7,57% no petróleo tipo Brent, -3,55% no minério de ferro e -3,53% na soja.

Respondendo aos sentimentos desfavoráveis em relação à evolução da dívida pública e à persistência na deterioração nas expectativas inflacionárias, os prêmios de risco embutidos na precificação dos ativos domésticos aumentaram. Na semana, o real depreciou-se em -1,46%, exibindo uma performance pior do que a de seus pares emergentes (-0,98%). A curva futura de juros descolou-se do movimento observado no exterior, encerrando a semana com uma elevação na sua inclinação. A taxa real de juros *ex-ante* adentrou ainda mais em patamar contracionista, com uma elevação de 0,03 p.p. para 8,23% a.a., muito acima do nível neutro de 4,75% a.a. considerado pelo Banco Central (BC).

Apesar do esperado ciclo de aperto nas condições financeiras, com a Selic atingindo o ápice de 12,0% a.a. em janeiro de 2025, não se vislumbra um movimento de ancoragem das expectativas. No Boletim Focus, no horizonte relevante para a política monetária de 18 meses à frente, as projeções elevaram-se de 3,80% a.a. em 11/10 para 3,87% a.a. em 18/10. Com o aperto monetário já precificado, é projetada uma desaceleração da economia em 2025, com o PIB apontando para uma expansão de 1,93% (1,90% há 4 semanas).

Sinalizando uma moderação no ritmo de crescimento no 3T24, o Monitor do PIB da FGV mostrou uma contração de -0,2% em agosto, o 2º recuo mensal consecutivo, respondendo à queda no setor de serviços e a estagnação da indústria, além da retração nas exportações. Espera-se uma expansão mais comedida do PIB no período, em relação ao 1º semestre, com a economia ainda impulsionada pela demanda doméstica, sobretudo o consumo das famílias, em função do mercado de trabalho aquecido e a expansão do crédito.

Reforçando as perspectivas de que os preços devem continuar pressionados no curto prazo, o IGP-10 acelerou de 0,18% em set/24 para 1,34% em outubro, acumulando elevação de 5,10% a.a.. Na semana, a prévia do IPCA de outubro deve trazer números mais elevados, em resposta à piora nas condições climáticas, com reflexos na alimentação e contas de energia elétrica.

Na agenda doméstica, atenções ainda para as sondagens de confiança da FGV e aos números da arrecadação federal. No âmbito externo, serão divulgadas as prévias dos índices PMIs para os EUA e Europa, além do Livro Bege do Fed.

## Expectativas

Refletindo a pressão nos preços dos alimentos por causa da estiagem, o câmbio mais depreciado e a perspectiva de uma bandeira tarifária menos favorável, a mediana no Boletim Focus para o IPCA de 2024 elevou-se de 4,39% em 11/10 para 4,50% em 18/10 (4,37% há 4 semanas), atingindo o teto da meta de inflação. Para outubro, a estimativa ampliou-se de 0,40% para 0,49%, para novembro manteve-se em 0,20% e a para dezembro subiu de 0,47% para 0,48%.

Ampliando a desancoragem, a mediana das estimativas para o IPCA de 2025 passou de 3,96% para 3,99% (3,97% há 4 semanas), enquanto o indicador para 2026 permaneceu em 3,60% (3,62% há 4 semanas) e o de 2027 em 3,50% (3,50% há 4 semanas). No horizonte relevante para a política monetária, ou seja, 18 meses à frente (mar/26), as expectativas no Focus também aumentaram de 3,80% a.a. para 3,87% a.a..

Construída com base nos preços das negociações das NTN-Bs, a curva da inflação implícita apresentou na semana aumento nos prêmios de risco de: 0,16 p.p. para 5,99% para o prazo de 1 ano; 0,13 p.p. para 5,76% para o de 2 anos; e 0,07 p.p. para 5,72% para o de 3 anos.

Contemplando elevações de 0,50 p.p. em novembro e em dezembro, as estimativas para a Selic ao final de 2024 continuaram em 11,75% a.a. (11,50% a.a. há 4 semanas). Com mais uma elevação de 0,25 p.p em janeiro, a taxa Selic alcançaria o ápice de 12,00% a.a., patamar que seria mantido até a retomada da flexibilização monetária, com uma queda de -0,50 p.p. em novembro e de -0,25 p.p. em dezembro. Com isso, a projeção para a Selic ao fim de 2025 elevou-se de 11,00% a.a. para 11,25% a.a. (10,50% há 4 semanas). Para os anos de 2026 e 2027, as estimativas no Focus prosseguiram, respectivamente, em 9,50% a.a. e 9,00% a.a..

Com a boa performance dos indicadores de atividade, as previsões para o crescimento do PIB de 2024 aumentaram de 3,01% para 3,05% (3,00% há 4 semanas). Com a elevação das taxas de juros no mercado futuro, é projetada uma desaceleração para 2025, com o indicador apontando uma expansão de 1,93% (1,90% há 4 semanas), ao passo que para 2026 e 2027 acomodaram-se em 2,00%.

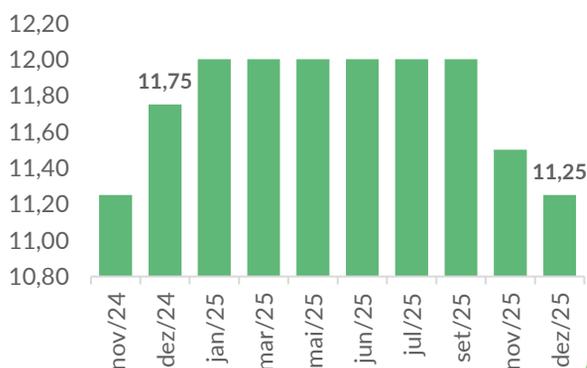
Apesar da forte depreciação do real, houve poucas alterações nas estimativas, com a projeção da taxa de câmbio subindo de R\$/US\$ 5,40 para R\$/US\$ 5,42 ao final de 2024, mas mantendo-se em R\$/US\$ 5,40 ao término de 2025 e em R\$/US\$ 5,30 aos fins dos 2 anos seguintes.

No âmbito fiscal, a projeção para 2024 não se alterou, com o déficit primário em -0,60% do PIB (-0,60% há 4 semanas) e a dívida líquida do setor público (DLSP) em 63,50% do PIB (63,50% há 4 semanas). Para 2025, o déficit variou de -0,73% para -0,70% do PIB (-0,74% há 4 semanas) e a DLSP de 66,50% para 66,68% do PIB (66,50 há 4 semanas). Já para 2026, o déficit passou de -0,66% para -0,50% do PIB (-0,69% há 4 semanas) e a DLSP de 69,14% para 69,22% do PIB (69,15% há 4 semanas). Por fim, para 2027, a estimativa para o déficit primário prosseguiu em -0,30% do PIB (-0,30% há 4 semanas), enquanto a DLSP ampliou-se de 71,40% para 71,50% do PIB (71,45% há 4 semanas).

### Inflação - Mediana das projeções (% a.a.)

IPCA (%)			
Mediana - agregado			
	18/10/2024	Últ. Semana	Há 4 semanas
out/24	0,49	0,40	0,31
nov/24	0,20	0,20	0,21
dez/24	0,48	0,47	0,45
2024	4,50	4,39	4,37
2025	3,99	3,96	3,97
2026	3,60	3,60	3,62

### Selic - Mediana das projeções (% a.a.)



Fonte: Focus/BCB. Elaboração ABBC

## Internacional

Apesar de que os principais indicadores de atividade na China terem vindo melhores do que se esperava, a debilidade estrutural do setor imobiliário e do consumo das famílias preocupa. Dessa forma, o principal vetor na avaliação dos prêmios de risco dos ativos financeiros adveio do ceticismo quanto ao dinamismo da economia e à efetividade das medidas de estímulo adotadas.

O crescimento do PIB na margem passou de 0,5% no 2T24 para 0,9% no 3T24. Porém, no comparativo interanual, o avanço desacelerou de 4,7% no 2T24 para 4,6% (4,7% pela FactSet), distanciando-se da meta de 5,0%. Acima das expectativas dos analistas, a produção industrial aumentou 5,4% em setembro em relação a set/23 (4,6% pela FactSet), após uma alta interanual de 4,5% em ago/24. Na mesma base, as vendas no varejo saíram de um aumento de 2,1% em ago/24 para 3,2% (2,4% pela FactSet). Já os investimentos em ativos fixos tiveram no acumulado do ano até setembro uma expansão de 3,4% em relação ao mesmo período de 2023.

Até setembro, as vendas de imóveis novos por valor caíram -24,0% em comparação ao mesmo período de 2023 (-25,0% em ago/24). Na mesma base, a queda para as novas construções iniciadas foi de -22,2% (-22,5% em ago/24). Por fim, o investimento imobiliário por incorporadores caiu -10,1% (-10,2% em ago/24). Na semana, houve frustração com as novas medidas de apoio ao setor imobiliário e a ausência de ações para impulsionar o consumo das famílias. Até então, as atuações no âmbito fiscal concentraram-se, principalmente, em ajudar os governos locais a refinar dívidas, recapitalização de bancos estatais e promessas de ajudar na compra de algumas das milhões de casas não vendidas. No âmbito monetário, nesta segunda-feira (21/10), o Banco do Povo da China (PBoC) cortou em 0,25 p.p. as taxas preferenciais de empréstimos (LPRs) praticadas pelos bancos comerciais em prazos de 1 e 5 anos, para 3,1% a.a. e 3,6% a.a., respectivamente.

Mostrando o consumo ainda aquecido, após um aumento de 0,1% em ago/24, as vendas no varejo dos EUA cresceram 0,4% na margem em setembro (+0,3% pela London Stock Exchange Group -LSEG). No acumulado do ano, o indicador mostrou um aumento de 2,6% em relação ao mesmo período de 2023. Já a produção industrial recuou -0,3% na margem (-0,1% pela FactSet), enquanto a elevação de ago/24 foi revisada de 0,8% para 0,3%. Já a taxa de utilização da capacidade instalada caiu de 77,8% em ago/24 para 77,5%.

Cedendo ao menor nível desde abr/21, a inflação ao consumidor (CPI) da Zona do Euro desacelerou de 2,2% a.a. em ago/24 para 1,7% (1,8% a.a. pela LSEG). Excluindo-se as variações de energia, alimentos, bebidas e tabaco, o indicador desacelerou de 2,8% a.a. para 2,7% a.a. Ademais, após o declínio de 0,5% em jul/24, a produção industrial da região cresceu 1,8% na margem em agosto, superando as projeções (+1,6% pela FactSet). Após os cortes em jun/24 e set/24, o Banco Central Europeu (BCE) reduziu a sua taxa de depósito em -0,25 p.p., para 3,25% a.a.. A taxa de refinanciamento caiu de 3,65% a.a. para 3,40% a.a. e a de empréstimos de 3,90% a.a. para 3,65% a.a..

A medida evidenciou a mudança no foco do BCE, passando a priorizar o crescimento econômico ao invés do processo desinflacionário. Reconhecendo o enfraquecimento da atividade mais forte do que o esperado, o BCE reafirmou que manterá as taxas de juros restritivas pelo tempo que for necessário para alcançar a meta de inflação e as decisões futuras estarão condicionadas aos dados e à dinâmica de transmissão da política monetária.

### EUA – Vendas no Varejo Variação mensal



Fonte: Fred Economic Data. Elaboração ABBC

## Aversão ao Risco

A evolução da inflação nos EUA e o sentimento de que a economia nos EUA não está desacelerando consolidaram as apostas em uma queda de -0,25 p.p. na próxima reunião de política monetária do Fed, o que elevou a aversão ao risco. Para os mercados emergentes, há o agravante da debilidade estrutural do setor imobiliário e do consumo das famílias na China.

Na sexta-feira 18/10, a ferramenta FedWatch do CME Group apontava 90,4% de chance de um corte de -0,25 p.p. na reunião de novembro. Já para a de dezembro, apontava 76,8% de probabilidade de 1 nova redução de -0,25 p.p. para a faixa entre 4,25% a.a. e 4,50% a.a. e de 21,8% na manutenção do índice entre 4,50% a.a. e 4,75% a.a..

Consequentemente, os retornos das *T-Notes* mantiveram-se praticamente estáveis em relação ao fechamento da semana passada, finalizando em 3,95% a.a. para a de 2 anos, 3,88% a.a. para a de 5 e 4,08% a.a. para a de 10 anos. Já o título de 30 anos exibiu um ligeiro recuo de 4,39% a.a. para 4,38% a.a..

Favorecidas pelos bons resultados corporativos, em especial no setor de tecnologia, pela robustez da atividade econômica nos EUA e redução da taxa de juros na Zona do Euro, as principais bolsas internacionais apresentaram na semana ganhos de: 0,96% no Dow Jones; 0,85% na S&P 500; 0,80% na Nasdaq; 1,27% no FTSE 100; 1,46% no DAX 40 e 1,36% em Xangai. Por outro lado, a bolsa de Tóquio recuou em -1,58% no período.

Já o mercado de *commodities* apresentou um desempenho negativo na semana, pesando o ceticismo quanto à efetividade dos estímulos na China, a deterioração do risco geopolítico e a queda nas projeções de demanda de petróleo pelo Opep. No período, o preço da saca de soja na bolsa de Chicago caiu em -3,53% e o do minério de ferro negociado em Qingdao recuou em -3,55%. Com queda de -7,57%, a cotação do barril de petróleo tipo Brent fechou em US\$ 73,06, o que representou uma contração de -5,17% no acumulado do ano.

A despeito dos persistentes receios quanto à evolução da dívida pública e seus impactos na elevação dos prêmios de riscos dos ativos domésticos, o risco soberano brasileiro, medido pela cotação do CDS de 5 anos, recuou -2,39 bps. na semana para 152,83 bps.. Contudo, acumulando uma alta de 20,40 bps. no ano. Mesmo com a queda nos preços das *commodities* e a elevação nos juros futuros, o Ibovespa encerrou com alta de 0,39%, permanecendo no patamar dos 130 mil pontos.

### Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	18/10/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	130.499	0,39%	-2,43%	14,47%
Nasdaq	18.490	0,80%	5,21%	40,22%
S&P	5.865	0,85%	4,39%	37,09%
Dow Jones	43.276	0,96%	4,27%	29,51%
FTSE 100	8.358	1,27%	1,27%	11,45%
DAX 40	19.657	1,46%	5,06%	30,66%
Nikkei 225	38.982	-1,58%	7,15%	24,02%
Xangai	3.262	1,36%	20,03%	8,52%

### T-Note de 10 anos Rendimento em % a.a.



## Câmbio

O dólar manteve sua trajetória de fortalecimento no mercado de câmbio internacional, apoiado pela melhora na confiança na economia e pela precificação de uma flexibilização monetária mais gradual. Na semana, o *Dollar Index\**, que mede o desempenho da divisa dos EUA frente a uma cesta de 6 moedas de países desenvolvidos, subiu 0,59%, refletindo as depreciações de 0,64% no euro, de 0,11% na libra esterlina e de 0,27% no iene japonês.

Em linha, o índice que calcula a variação de uma cesta de moedas de países emergentes\*\* em relação ao dólar caiu -0,98% no período, com destaques para as depreciações de 3,10% no peso mexicano, de 1,39% no peso colombiano, de 1,07% no rand sul-africano e de 0,62% no peso argentino.

Com um pior desempenho do que o média de seus pares emergentes, refletindo o aumento no prêmio de riscos, o real se depreciou em 1,46%, com o dólar encerrando a semana cotado a R\$ 5,69, o maior patamar desde 05/08/24 (R\$ 5,72). No acumulado do ano, o real apresentou o 2º pior desempenho dentre as moedas destacadas, com uma depreciação de 17,33%, abaixo somente do peso argentino (21,31%). No período, o BC manteve apenas a rolagem dos swaps cambiais com vencimento em 02/12/2024.

Em setembro, o fluxo cambial foi deficitário em US\$ -3,9 bilhões, decorrente da entrada líquida de US\$ 564 milhões na conta comercial (US\$ 22,2 bilhões em exportações e US\$ 21,7 bilhões em importações) e da saída líquida de US\$ -4,5 bilhões na conta financeira (US\$ 49,6 bilhões em compras e US\$ 54,1 bilhões em vendas). Considerando o resultado na semana encerrada em 11/10, o fluxo cambial ficou positivo em US\$ 3,2 bilhões, fruto das entradas líquidas de US\$ 1,6 bilhão na conta comercial e de US\$ 1,7 bilhão na financeira.

\*Cesta do *Dollar Index*:

Euro; Yen; Libra Esterlina; Dólar Canadense; Coroa Sueca; e Franco Suíço.

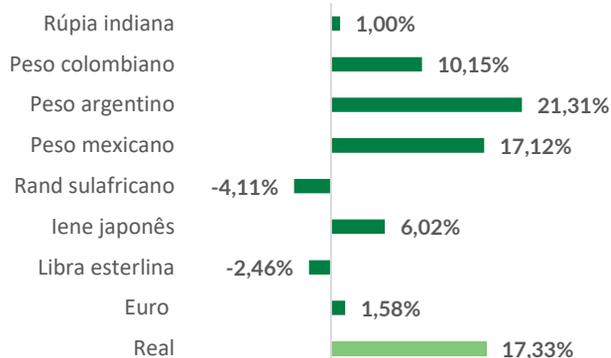
\*\*Cesta de Moedas de países emergentes:

Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

### Real/US\$



### Variação no Ano



### Movimento do Câmbio



Fonte: Bloomberg/JP Morgan/BCB. Elaboração ABBC

## Taxa de Juros

Respondendo aos sentimentos desfavoráveis em relação à evolução da dívida pública e à persistência na deterioração nas expectativas inflacionárias, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) descolou-se do movimento observado no exterior, encerrando a semana com um aumento nos prêmios de risco e uma elevação na inclinação.

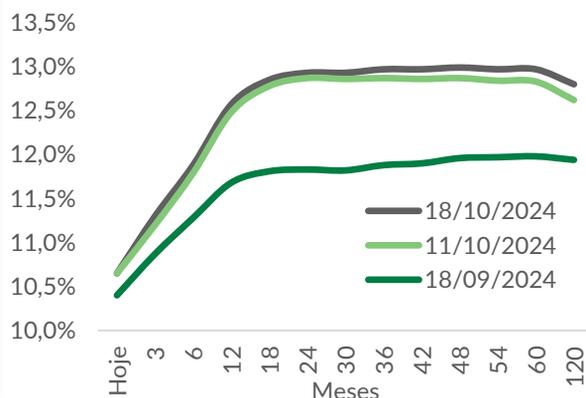
Conforme apontado nas projeções do Boletim Focus, o mercado segue precificando mais 2 elevações de 0,50 p.p. na taxa Selic nas próximas reuniões do Copom, seguida por mais 1 de 0,25 p.p. em jan/25, que levaria a Selic para 12,00% a.a.. Em consonância, o mercado de opções do Copom na B3, na sexta-feira 18/10, marcava 76,8% de probabilidade de 1 alta de 0,50 p.p. no encontro de novembro e de 59,0% de mais uma elevação de 0,50 p.p. em dezembro.

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 6 meses subiu de 11,79% a.a. para 11,88% a.a., a de 1 ano saiu de 12,48% a.a. para 12,57% a.a., a de 2 anos de 12,87% a.a. para 12,93% a.a., a de 3 de 12,87% a.a. para 12,97% a.a., a de 4 de 12,87% a.a. para 12,99% a.a., a de 5 de 12,83% a.a. para 12,97% a.a. e a de 10 anos subiu de 12,62% a.a. para 12,80% a.a..

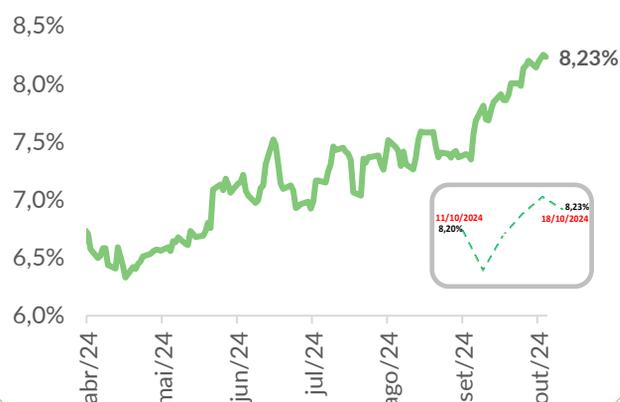
Adicionalmente, com a elevação semanal de 0,05 p.p. para 4,01% na inflação esperada para os próximos 12 meses, a taxa real de juros *ex-ante* fechou em 8,23% a.a., o que representou uma elevação de 0,03 p.p. no período. Permanecendo, dessa forma, ainda em patamar muito restritivo, quando comparado com a taxa neutra de 4,75% a.a. apurada pelo BC.

Por fim, o aumento do risco ficou evidenciado na inclinação da curva de juros, com o *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, subindo 0,09 p.p. na semana para 0,23 p.p.. Em consonância, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, aumentou 0,18 p.p. para 0,28 p.p..

### Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)

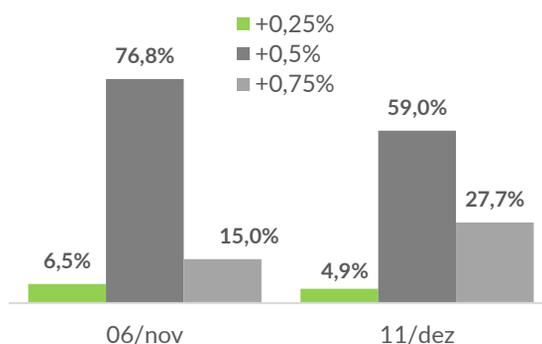


### Taxa Real de Juros *ex-ante* (% a.a.)



### Probabilidade Copom

#### Mercado de opções do Copom B3 (18/10/24)



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

## IGP-10 - Out/24

A inflação pelo Índice Geral de Preços 10 (IGP-10) saiu de uma elevação de 0,18% em set/24 para uma alta de 1,34% em outubro. A aceleração foi basicamente impulsionada pelo comportamento dos preços dos produtos agropecuários, que continuam a sofrer os efeitos da seca, e pela mudança para a bandeira vermelha 2 na tarifa de energia elétrica.

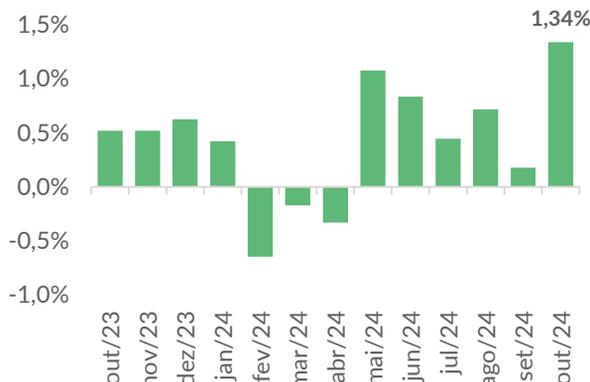
O aumento do Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) saiu de 0,14% em set/24 para 1,66%. Dentre os seus grupos, o dos bens finais apresentou uma alta de 1,06% (0,60% em set/24), com destaque para o subgrupo alimentos processados com 3,63% de variação. Por sua vez, o grupo de bens intermediários aumentou 0,21% (0,60% em set/24), com destaque para o subgrupo suprimentos, com queda de -0,82%. Já o grupo de matérias-primas brutas saiu de uma queda de -0,86% em set/24 para uma elevação de 3,94%, com destaques para os itens: minérios de ferro (1,84%); soja em grão (6,58%); e bovinos (8,36%).

Nas demais aberturas, o Índice de Preços ao consumidor (IPC) cresceu 0,53%, após ligeira alta de 0,02% em set/24, com 6 das 8 classes de despesas registrando acréscimos em suas variações, fechando com elevações mensais de: 0,08% em alimentação; 1,60% em habitação; 0,32% em saúde e cuidados pessoais; 0,57% em educação e leituras; 1,76% em despesas diversas; e de 0,30% em comunicação; além das reduções de -0,03% em vestuário e de -0,23% em transportes.

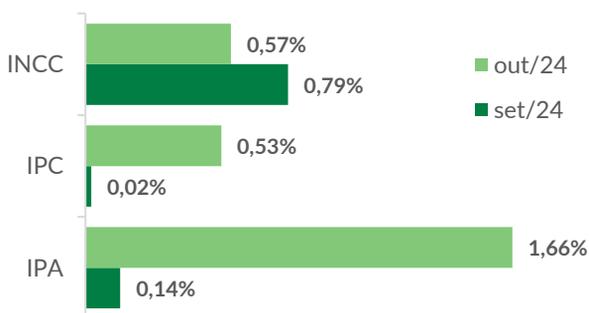
Na mesma base comparativa, o Índice Nacional de Custo da Construção (INCC) desacelerou seu crescimento de 0,79% em set/24 para 0,57%, refletindo as elevações de: 0,58% em materiais e equipamentos; 0,70% em serviços; e de 0,53% na mão de obra.

Com isso, a variação anual do IGP-10 manteve a trajetória de aceleração, passando de 4,25% a.a. em set/24 para 5,10% a.a. em outubro (-4,88% a.a. em out/23). Na abertura, a variação do IPA saiu de 4,12% a.a. para 5,20% a.a. (-7,96% a.a. em out/23), do IPC de 4,23% a.a. para 4,52% a.a. (4,10% em out/23) e do INCC de 5,28% a.a. para 5,49% a.a. (3,41% a.a. em out/23).

### Variação Mensal



### Variação Mensal Abertura



### Evolução Anual



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

## Monitor do PIB – Ago/24

Com queda pelo 2º mês consecutivo, o Monitor do PIB da FGV exibiu um recuo na atividade econômica de -0,2% em agosto. O indicador fechou o mês com elevações de 3,4% na comparação interanual e de 2,8% a.a., considerando a taxa acumulada em 12 meses até agosto. A variação interanual no trimestre móvel encerrado em agosto acelerou de 3,4% em jul/24 para 4,1%.

Do lado da oferta, apenas os serviços apresentaram queda na margem, com uma redução de -0,6%, enquanto a indústria ficou estável e agropecuária subiu 1,7%. Na demanda houve alta em quase todos os quesitos, com elevações de 0,9% no consumo das famílias, de 1,2% no consumo do governo, de 0,8% na Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) e de 2,6% nas importações. A queda ficou por conta das exportações, que se reduziram em -2,5%.

Em termos de taxa trimestral móvel frente a igual período de 2023, o consumo cresceu 4,6%, ante 4,5% em jul/24, com o desempenho disseminado nos diferentes tipos de consumo, em especial o de serviços, além dos consumos de não duráveis e de duráveis.

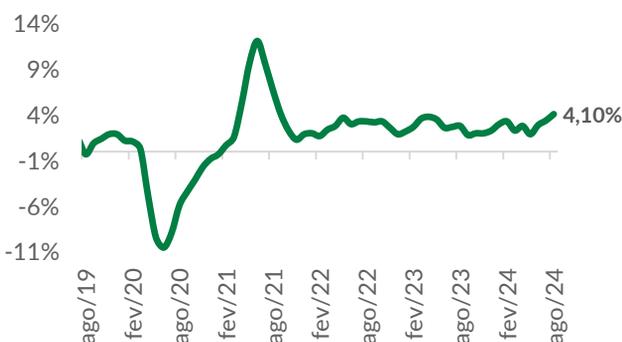
Com alta de 7,5% no trimestre findo em agosto (6,0% em jul/24), a FBCF foi beneficiada pelo forte desempenho do segmento de máquinas e equipamentos, que vem desde o 2T24 contribuindo expressivamente.

As exportações subiram 1,0% na base analisada (0,7% em jul/24). O movimento refletiu a redução em produtos agropecuários e da extrativa mineral. Enquanto esses 2 itens contribuíram com cerca de 8,0 p.p. no desempenho trimestral em 2023, passaram para apenas 1,2 p.p. no trimestre findo em agosto.

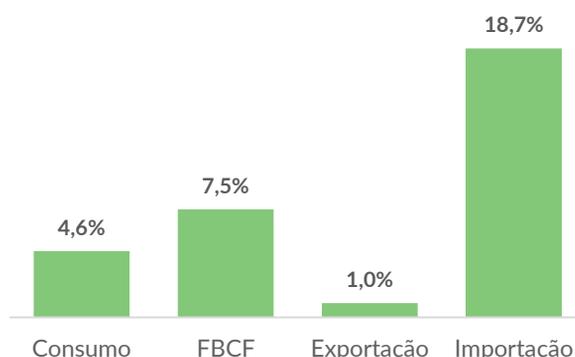
Já as importações cresceram 18,7%, na mesma base de comparação, com o desempenho disseminado por seus componentes. Destaques para as evoluções das importações de bens de consumo, de serviços e de bens de capital.

Por fim, vale assinalar a recuperação na taxa de investimento, que fechou agosto em 18,1%, na série com valores correntes, ficando acima da média de 17,9% do período desde jan/20 e de 16,4% verificada entre jan/15 e ago/24.

**PIB**  
Variação trimestral interanual



**Por Componentes**  
Variação trimestral interanual



Fonte: FGV. Elaboração ABBC

## Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
<b>Atividade, Inflação e Juros</b>										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	3,2
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	10,1
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	6,9
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	4,3
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	3,7
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	11,75
<b>Setor Externo e Câmbio</b>										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	81,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-39,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	70,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,40
<b>Fiscal</b>										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,6
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-7,5
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	64,0
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0



## Diretoria de Economia, Regulação e Produtos



abbc.org.br  
assessoriaeconomica@abbc.org.br



Av. Paulista, 1842 -15º andar -Conj. 156  
Edifício Cetenco Plaza -Torre Norte -  
Cerqueira César São Paulo -SP



Tel: (55) 11 3288-1688